

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 4 - Número 6 - Janeiro a Junho de 2007

[início](#)

A INTERTEXTUALIDADE COMO FATOR ESSENCIAL PARA A COMPREENSÃO EM LEITURA

Ana Lúcia de Campos Almeida
Faculdades Integradas Claretianas

ABSTRACT – This paper reports an investigation which points out the relevance of intertextuality in the reading comprehension of argumentative texts by students concluding the elementary course at a public school. Data were collected during a pedagogical intervention based upon a Bakhtinian view of language and concepts from Cognitive Psychology, Text Linguistics and Critical Discourse Analysis.

Este artigo focaliza uma investigação empírica qualitativa sobre a leitura de textos argumentativos realizada por trinta alunos concluintes do ensino fundamental (faixa etária média de quatorze anos) de uma escola pública brasileira, os quais foram submetidos a uma intervenção pedagógica (versão simplificada de pesquisa-ação conforme Thiollent, 1994) em que aplicou-se uma proposta de ensino de leitura com objetivo de demonstrar a importância da intertextualidade na compreensão de textos.

De acordo com Vigner (1979), o conhecimento intertextual é fator essencial para a legibilidade de textos, pois estes somente são compreendidos a partir de um reconhecimento dos esquemas de funcionamento textual preexistentes. Assim, buscou-se compor um repertório de textos argumentativos jornalísticos que, submetido à leitura pelos alunos-sujeitos, permitisse a eles construir uma base de conhecimento intertextual, de modo a facilitar o reconhecimento deste tipo de texto, o jornalístico argumentativo, ativando a formulação de hipóteses de sentidos para o texto e orientando suas expectativas enquanto leitores.

Em uma etapa preliminar, coletamos dados, através de respostas a questionários e entrevistas feitas com os alunos-sujeitos e a professora da classe, a respeito de suas condições de letramento e suas experiências de leitura em contexto escolar e extra-escolar. Tratamos ainda de verificar sua competência em leitura, solicitando que relatassem por escrito seu entendimento a partir da leitura de duas matérias jornalísticas opinativas.

Constatamos que os alunos haviam tido uma exposição razoável aos textos escritos: provenientes de família de classe sócio-econômica média-baixa, cujos membros apresentavam níveis médios de escolaridade (dentre eles apenas três pais haviam freqüentado cursos universitários), eles tinham condições de acesso a jornais, revistas, a um número razoável de livros, e haviam

freqüentado cursos de pré-escola dos cinco aos sete anos. No entanto, a maioria deles relatou não realizar nenhuma leitura fora da escola, e sua freqüência a bibliotecas condicionava-se à realização de pesquisas escolares obrigatórias.

Ao analisar a compreensão dos alunos na leitura dos dois textos opinativos já referidos anteriormente, observamos que, de modo geral, com exceção de uma minoria, os alunos-sujeitos conseguiram reconstruir os sentidos da superfície do texto, realizando o processamento morfológico-semântico, e eram capazes, portanto, de efetuar a leitura em níveis elementares. No entanto, a maioria dos alunos, ao expressarem o seu entendimento a respeito dos textos lidos, apresentaram resumos do seu conteúdo, limitando-se a relatar fatos ou informações contidas nos mesmos, como se fossem narrativas ou textos informativos, não apreendendo a intencionalidade dos autores nem as características dos textos argumentativos; por sua vez, a minoria dos alunos que haviam percebido a argumentação presente nos textos manifestou total adesão à posição do autor, incorporando-a como a opinião “correta”, consagrada e legitimada pela escrita.

Constatamos que os alunos-sujeitos haviam construído os sentidos na leitura desses textos de acordo com a concepção de texto e leitura desenvolvidos na escola ao longo deste período de oito anos de ensino fundamental, o que teria resultado em uma interpretação didática e escolar dos textos lidos, marcada pela ausência de criticidade e questionamento acerca das opiniões apresentadas pelos autores. Esta situação exigiu de nossa parte uma reflexão a respeito das concepções que fundamentam as práticas de leitura e escrita escolares.

O modelo de letramento predominantemente adotado em nossas escolas tem sido aquele denominado por Street (1995) como o modelo autônomo, que se caracteriza por promover uma reificação da linguagem, isolando-a do seu contexto sócio-histórico, e por desconsiderar as diferentes funções que a escrita pode assumir para diferentes grupos sociais, privilegiando sempre a escrita legitimada pelas classes dominantes como a única válida e “correta”. Em consequência disto, desenvolvem-se na escola práticas de leitura e escrita uniformes que visam a uma homogeneização e incorporação acrítica de padrões lingüísticos adotados e legitimados pelas classes dominantes ao longo de processos sócio-históricos, o que inviabiliza a constituição de sujeitos produtores de sentidos e de conhecimento na e a partir da leitura.

A escolarização do letramento tem produzido uma concepção de linguagem neutra, desvinculada do contexto social em que ela atua, causando um efeito de ruptura entre linguagem e vida, ou seja, entre a escrita escolar, didática, e os textos autênticos partilhados pelos sujeitos imersos em sua realidade no dia a dia. De acordo com a visão escolar a língua existe como simples código e o texto vem a ser um mero artefato lingüístico, cujos sentidos podem ser recuperados na leitura através de exercícios estruturais, descontextualizados de suas condições de produção.

Na maioria das aulas de Português os textos são utilizados para atividades metalingüísticas como estudo do vocabulário, análise morfológica e sintática, estudo da estrutura composicional, sem que seja contemplada uma dimensão pragmática-discursiva dos mesmos, o que permitiria que os alunos percebessem nos textos lidos, por exemplo, a relação da seleção lexical com os sentidos produzidos como uma manobra argumentativa, vinculada à intenção comunicativa do autor. O trabalho com a compreensão dos textos em contexto escolar constitui-se de questões que requisitam apenas a localização de informações do seu conteúdo, resultando em uma leitura passiva, restrita ao roteiro de interpretação previamente elaborado pelo autor do livro didático, o que resulta via de regra em um apagamento da função social do texto escrito devido à própria absolutização da função didática.

No caso dos alunos focalizados nesta pesquisa, julgamos que tal visão neutra ou didática da linguagem, desvinculada de suas experiências de vida, inculcada através de anos pela instituição escolar, gerou um conceito de texto como objeto portador de verdade inquestionável, dificultando ou até mesmo impedindo, em alguns casos, o desenvolvimento de uma postura crítica na compreensão dos textos argumentativos.

A partir destas reflexões, fundadas na análise dos dados da etapa preliminar, decidimos, em nossa intervenção pedagógica, atuar junto aos alunos com propósito de transformar seu conceito de texto, e conseqüentemente sua prática de leitura, através da aplicação de uma proposta de ensino de leitura em contraponto àquela concebida pela escola, fundamentando-nos em conceitos de Bakhtin (1995), para quem a linguagem se constitui em um processo sócio-histórico de interlocução, no qual se coloca em evidência a natureza ideológica do signo verbal. Dentro desta concepção, a leitura é entendida como uma atividade responsiva, que não pode ser realizada plenamente sem que se mobilize a sócio-historicidade dos sujeitos que atuam no processo, pois a consideramos uma interlocução em que estão envolvidos o sujeito-autor e o sujeito-leitor, cujos sentidos são construídos através de um espaço compartilhado – o texto.

Também Fairclough (1989,1992), em sua análise crítica do discurso, postula a natureza ideológica da linguagem, concebendo o texto como produto social e cultural, negando a possibilidade de qualquer leitura – construção de sentidos – fora do contexto sócio-histórico de sua produção. Desta maneira, buscamos contextualizar os textos lidos, considerando-os enquanto produtos de uma prática social cujo significado não pode ser construído apenas a partir de sua materialidade lingüística, mas considerando-se todas as relações implícitas características de sua natureza como um evento discursivo (MARCUSCHI, 1998), ou seja, os sentidos dos textos só podem ser construídos inseridos em seu contexto situacional de produção.

Assim, diante de tais considerações, decidimos propor aos alunos-sujeitos a leitura de textos autênticos, que tivessem um significado no contexto sócio-cultural a que pertenciam. Para o desenvolvimento das atividades da intervenção pedagógica foram selecionados textos jornalísticos escritos – artigos opinativos – característicos da leitura como prática social e que poderiam suscitar a adoção de posicionamentos crítico-reflexivos sobre a realidade vivenciada, possibilitando a formação de leitores não meros destinatários ou receptores, mas interlocutores de textos.

Assim, apresentamos um conjunto de onze textos jornalísticos opinativos, extraídos de editoriais de revista e de seções de opinião e debates do jornal *Folha de São Paulo* focalizando assuntos relativos às questões sociais em evidência no período de tempo relativo à coleta de dados da pesquisa (maio-junho de 1998). A questão discutida com mais notoriedade pela mídia impressa, assim como pela falada, consistia no flagelo da seca e fome a atingir o sertão nordestino brasileiro, associado à ocorrência de uma série de saques, praticados pela população local. Oito dos onze textos dados a ler focalizavam esta questão, compondo assim um repertório intertextual, tanto em relação ao seu conteúdo quanto em relação à sua configuração argumentativo-opinativa.

Cada um desses textos era fotocopiado, com referência explícita à fonte, autoria, seção e data, sendo distribuído aos alunos para ser lido em encontros com duração de duas aulas e o ensino de leitura consistia em intermediar um processo coletivo de construção dos sentidos pelos/com os alunos, tendo como objetivo para a leitura a busca de informações, a apreensão de diferentes opiniões e reflexões acerca das questões sociais presentes no mundo social em que os alunos estavam inseridos.

Procuramos orientar os alunos-sujeitos a desenvolverem atividades de inferência lexical, de previsão dos significados do texto, a efetuarem considerações relevantes com relação aos elementos contextuais de produção do texto, especialmente o papel do destinatário e a intencionalidade do autor, buscando criar condições para que eles apreendessem a configuração textual destes escritos. Cabe observar que tal apreensão não era postulada no sentido de fornecer-lhes um modelo estrutural rígido, destinado a enquadrar sua leitura, mas como um protótipo esquemático do texto argumentativo, sempre indissociável de seu modo de funcionamento discursivo, apreensível nas relações internas que o compõem e na sua natureza persuasiva.

Segundo Van Dijk (1989) as propriedades formais, bem como o modo de organização de alguns tipos textuais produzidos em uma dada cultura, são armazenados na memória e desempenham um papel relevante no entendimento global de um texto. Observar, portanto, a organização específica dos textos argumentativos e construir para si um modelo na memória funcionam como o fator essencial para a compreensão, justamente na medida em que permitem ao leitor ativar seu conhecimento intertextual.

A intertextualidade também é vista como um componente sócio-histórico de suma importância para a interpretação de textos segundo Fairclough, quando ele afirma que: “os discursos e os textos que ocorrem dentro deles têm histórias, eles pertencem a séries históricas, e a interpretação de contexto intertextual é questão de se decidir o que pode ser tomado como terreno comum ou pressuposto pelos participantes” (1992: 152). Assim, o contexto intertextual funciona como conhecimento a ser compartilhado pelos participantes de uma atividade de interpretação de texto.

A intertextualidade é condição fundamental na constituição do texto argumentativo e tem sido apontada por estudiosos modernos da argumentação, como Adam (1992) e Plantim (1996) ao se referirem ao modo heterogêneo ou dialógico do seu funcionamento discursivo, com a repercussão de outras vozes, com o entrecruzamento de vários pontos de vista, pois cada discurso argumentativo traz implícito o seu próprio contradiscurso pelas idéias que se contrapõem, cada tese contém em seu bojo uma tese contrária, todo argumento seu contra-argumento e toda conclusão também contém a possibilidade de vir a tornar-se uma nova tese.

No caso dos textos argumentativos cuja leitura foi proposta aos alunos-sujeitos, foi possível trabalhar ainda a intertextualidade de conteúdo, categorizada por Koch (1997) como aquela que diz respeito ao assunto ou tema abordado por vários textos, sendo este justamente o caso da maior parte dos artigos jornalísticos selecionados em nossa pesquisa, que discutiam o assunto dos saques praticados por flagelados da seca no nordeste brasileiro. Tratou-se também de recuperar o contexto intertextual ou sócio-histórico em que os textos foram produzidos e trazer estes conhecimentos para o quadro interpretativo que estava sendo construído.

Os dados coletados através de gravação em áudio em sala de aula demonstraram as modificações ocorridas durante a trajetória interpretativa dos alunos-sujeitos de acordo com a seqüência na leitura dos textos. Ao longo da intervenção pedagógica foi possível verificar que os alunos-sujeitos, através da aquisição deste repertório de textos opinativos, foram realmente construindo seu quadro de conhecimento intertextual e desenvolvendo uma visão do texto argumentativo como a manifestação do ponto de vista de um ou vários autores, submetidos às condições do contexto sócio-histórico e ideológico em que estão inseridos.

Deste modo, os alunos-sujeitos vieram a perceber que a palavra escrita não continha nenhuma verdade consagrada, mas refletia opiniões passíveis de

discussão, permitindo-se sustentar posições de eventual concordância ou discordância. Os alunos passaram a ler dialogando com as opiniões do autor, mobilizando as informações obtidas com a leitura de textos anteriores e, freqüentemente, forneciam suas próprias opiniões a respeito do assunto enfocado, avaliando a coerência ou a inconsistência dos argumentos arrolados pelo autor de cada texto.

Os dois últimos textos foram dados a ler individualmente e a compreensão foi registrada em produções escritas individuais dos alunos-sujeitos. As análises nos permitiram concluir que os alunos modificaram substancialmente seu modo de construir os sentidos na leitura através da apreensão dos elementos constituintes dos artigos opinativos, ou seja, através da ativação de seu conhecimento intertextual. Em termos de implicações pedagógicas, tais resultados apontam a relevância pedagógica de se adotar uma perspectiva intertextual durante o desenvolvimento de práticas de leitura na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADAM, J. M . *Les textes: types et prototypes* . Nathan Université, Paris: Editions Nathan, 1992.

BAKHTIN, M.. *Marxismo e filosofia da linguagem* . São Paulo: Hucitec, 1995. (Original russo de 1929.)

FAIRCLOUGH, N . *Language and power* . London and New York: Longman, 1989.

_____. Intertextuality in Critical Discourse Analysis. In: *Linguistics and Education* . England, University of Lancaster, n.4, 1992, p. 269-293.

KOCH, I.V . *O texto e a construção dos sentidos* . São Paulo: Editora Contexto, 1997.

MARCUSCHI, L. “Rumos atuais da lingüística textual”. Palestra proferida no XLVI Seminário de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, realizado no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP de São José do Rio Preto, em 25/06/1998.

PLANTIN, C. *L'argumentation* . Paris: Mémo Seuil, 1996.

STREET, B.V. *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education* . London and New York: Longman, 1995.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação* . São Paulo: Cortez, 1994 .

VAN DIJK, T. A. *La ciencia del texto* . Barcelona: Ediciones Paidós, 1989.

VIGNER, G. *Lire: du texte au sens* . Paris: CLE International, 1979.